

# ARI CUNHA

Visto, lido e ouvido

## Para onde vai a dívida externa

**Bonn** — *Estou vendo prospecções econômicas, lendo relatórios e ouvindo opiniões de jornalistas, economistas e gente de Governo, sobre o que poderá acontecer com um país que deve cem bilhões de dólares e não pode pagar.*

*Não é fácil a situação de um jornalista nesta oportunidade, porque há uma carga de opiniões contrárias ao nosso País, que nos deixa atônitos às vezes, revoltados outras, ou descrentes, para finalizar.*

*Mas eu sempre reajo, porque, se fomos cínicos no endividamento superior às nossas possibilidades, cínicos também foram os que tinham o dinheiro, porque qualquer banco jamais colocou sal em toucinho podre. E através dessa dívida vejo, por conseguinte, que o Brasil tem muito de reservas para garantir tudo que tomamos dos outros.*

*Não vou defender os nossos governos, de Médici a Figueiredo, passando por Geisel, com sua aparente austeridade prussiana. Condeno a ambos, porque o nacionalismo brasileiro sempre fez eleger presidentes com sobrenomes locais. Mas isto é atraso, e quem demonstrou tal fato foi Kubitschek, o grande desenvolvimentista das nossas administrações. Mas de Médici a Geisel, a economia brasileira passou de tal forma a depender do estrangeiro que não é novidade a nossa dívida.*

*Mas isto são conjecturas. Ouço, aqui, de gente ligada ao Governo, ao Parlamento, ou à economia particular, uma tese que não ouvi até agora no Brasil.*

*A nossa dívida não poderá ser paga. Não teremos jamais dinheiro para amortizar a dívida e arcar com os juros. Seria impossível para o Brasil. Assim, o que se planeja, na Europa, é coisa diferente, e pode ser constatada pelo montante da dívida: os capitalistas estrangeiros, através de seus bancos, inflaram a economia brasileira de dólares árabes. Não gastaram, por conseguinte, um tostão. Um dia, os árabes pediram os dólares de volta. Eles, que tinham entregue o dinheiro ao nosso País, e a outros, caíram sobre a nossa economia. Nós, esfacelados, com inflação acima dos duzentos por cento, não poderíamos nunca pagar o que tomamos para o nosso desenvolvimento.*

*Enfim, o que tenho ouvido é que esse dinheiro não voltará em forma de dinheiro. Será uma espécie de Plano Marshall. Voltará em forma de grãos, ou de produtos de extração. Assim, o que teremos a fazer será abrir os nossos campos a nova tecnologia, nossa Indústria a novos planos, e aceitar o que os donos do dinheiro nos impõem. É duro, é cruel, ouvir isso, mas a ver se que dinheiro não aceita desaforo, não há outro caminho.*

*Ouvi mais: a grande dificuldade para isso poderá ser a ação dos militares, cônscios em parâmetros diferentes do que poderíamos admitir como soberania nacional.*

*Mas os militares ocuparam os postos civis na administração do Governo, e cederam as decisões aos tecnocratas, renegando os trabalhos dos políticos. Esse pode ter sido um grande erro, porque os tecnocratas aumentaram a corrupção a níveis nunca alcançados, com o respaldo militar, para evitar os políticos, atraindo esses militares a uma areia movediça de corrupção, que hoje atinge graus altíssimos, mesmo considerando as condições de comissões internacionais para serviços prestados.*

*Há que parar o caudal em que estamos. Como está, não poderemos ir longe. A regeneração total, a médio prazo, sabe-se que é impossível, e seria demagogia admiti-la.*

*Mas o dinheiro incha a cada dia que passa. Há, portanto, necessidade de pelo menos se estabelecer um nível de corrupção compatível com a realidade da solução do problema. Não pode todo mundo, ao mesmo tempo, querer sua parte adiantada, quando o que nos falta, na verdade, é patriotismo e, mais que isso, credibilidade dos que nos comandam.*

**SECA** — *Humor negro, no caso do Ceará. Uma autoridade de lá me disse que é melhor o "mar de lama" do que a seca que prevalece...*

**COPIA** — *Está hoje em Brasília o maior salário do Brasil: Peter McColongh, presidente mundial da Xerox, que recebe porcentagem de cada cópia retirada de qualquer repartição pública. Quando ele chegou ao aeroporto, a receptionista confidenciou ao vizinho: E melhor do que a cópia... Desmentiu a eficiência da máquina.*